

ENCONTROS COM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO ENTRE DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

Daiana Pilar Andrade de Freitas Silva
Débora de Souza Santos Madeira
UERJ-FFP/IBC

Uma entrada...

Este ensaio é um desdobramento de duas pesquisas produzidas junto ao Coletivo Diferenças e Alteridades na Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Duas pesquisas unidas por algo em comum: o encontro. Encontros com crianças, estudantes da Educação Infantil do Instituto Benjamin Constant (IBC), uma instituição especializada em deficiência visual, localizada na Urca no Rio de Janeiro. Nesse espaço, especificamente, que somos movidas pelo desejo de dar a ver o que se passa entre crianças, uma professora e uma assistente de alunos. Quais os deslocamentos possíveis nesses encontros? Ao ensaiar fazemos uso de nossas narrativas, em diários, como dispositivo que comporta a experiência do encontro, dando a ver e falar os efeitos dessa experiência. Caminhando por entre nossos diários buscamos problematizar, pensar para além do que nos está dado junto as experiências que se produzem nos encontros com as crianças nos ajudando a suspeitar das formas, modelos dados, a fim de pensar em modos outros de sentir, caminhar, viver. Assim, o caminhar se expressa como um ethos podendo ser entendido como uma possibilidade de nos sensibilizarmos para a ideia de que nos formamos enquanto singularidades, no encontro com outros.

Diariando uma aposta metodológica...

O diário de pesquisa insurge como uma força expressiva que se propõe a fazer emergir as experiências suscitando uma conversa que empreende pôr em debate as nomeações que são dadas aos estudantes. Sugerindo nesse sentido, uma desnaturalização dos conceitos universalizados, a partir de perguntas que nos sensibilizam e interpelam a pensar nas coisas que existem no mundo, supondo, entretanto, que não há o que solucionar. O que existe é um desejo de nos questionarmos quanto ao que estamos produzindo na vida-educação. Dessa forma, o diário se expressa como um modo de fazer pesquisa que nos coloca como cartógrafos que andam, perambulando pelos caminhos atento e sensível àquilo que o mesmo percebeu (sentiu?) e pretende problematizar. E empreende a produção do conhecimento não se antecede ao caminho, mas, ao contrário, é no percurso que irá se forjar, fazendo, deste modo, com que na processualidade da pesquisa não haja uma separação entre o conhecer e fazer, imbricando também o ato de intervir com a ação de pesquisar.

Assim o uso do diário, concebe a escrita como uma expressão ensaística na qual cada linha ensaiada apresenta os efeitos dos encontros dos estudantes com uma caminhante que “está aprendendo a escrever cada vez que escreve e aprendendo a ler cada vez que lê”. (LARROSA,

2016, p.22). Ou seja, o diário se afirma como uma forma de narrar os afetos que me acontecem nos caminhos e expressa também perguntas, problemas e instabilidades sobre aquilo que lemos, escrevemos e vivemos.

O ensaio não adota a lógica do princípio e do fim, nem começa pelos princípios, pelos fundamentos, pelas hipóteses, nem termina com as conclusões, ou com o final, ou com a tese, ou com a pretensão de ter esgotado o tema. O ensaísta inicia no meio e termina no meio, começa falando do que quer falar, diz o que quer e termina quando sente que chegou ao final não por que já nada resta a dizer, sem nenhuma pretensão de totalidade (LARROSA, 2016, p.112).

Assim como o ensaio o diário emerge, então, com o desejo de narrar aquilo que acontece nos caminhos (encontros) e me ajuda a escapar da percepção voyeurista (CERTEAU, 2020) que vê de longe, de cima e que não quer se misturar. Compõe-se, assim, como um ensaio de duas caminantes que andam junto se afetando e dispostas também a afetar, tentando também se afastar da concepção divina, que tudo quer definir e explicar.

Duas experiências diariadas nos encontros...

Hoje tivemos uma manhã chuvosa, poucos alunos vieram, da minha turma apenas Lucas. Pensei em não contar a história que havia separado, mas logo voltei atrás ao ouvi-lo:

- Tia, hoje é dia de roda de leitura né?

Lembrei-me logo da fala de sua mãe na entrada informando-me que não iria levá-lo por conta da chuva, mas ele disse que era dia de história e não podia faltar. Logo o respondi.

- Sim Lucas. Hoje é o dia.

E, assim sentamos, ele e eu, próximos à janela envolvidos pelo som da água que após se encontrar com as folhas das árvores caía em pingos ao chão, nos permitindo também sentir um cheirinho maravilhoso da terra molhada. Em meio a esses sentidos abri o livro “A maior flor do mundo” de José Saramago (2001). O autor se faz personagem para questionar sua capacidade em escrever para crianças visto que, para ele, as histórias infantis devem ser escritas com palavras bem simples, por isso que gostaria muito de saber escrever com essas palavras. Depois se arrisca contando a história de um menino que morava numa aldeia e que um dia ao brincar teve a oportunidade de ultrapassar os limites geográficos daquela aldeia a ponto de ficar no impasse de ir ou não ir e foi. No limite do caminho encontrou uma flor murcha voltou em busca de água para flor e encontrou em um rio distante, não havia um recipiente para colocar a água, assim encheu suas mãos e levou a água para a flor, mas era pouco e ficou a buscar água por 20 vezes. Muito cansado, dormiu ao lado daquela flor que, ao ser molhada, cresceu e abrigou a sombra aquele menino... a flor era tão grande que da aldeia podia ser vista e foi assim que os pais do menino o encontraram ao abrigo de uma pétala.

Depois da história ficamos conversando sobre a atitude do menino. Lucas me disse que o menino ficou cansado, pois foi 20 vezes pegar água longe. Diante dessa fala eu o perguntei:

- Por que será que ele fez isso, né?

Ficamos por alguns minutos em silêncio ao ouvir somente o som que vinha de lá de fora. Achei que não ouviria nenhuma resposta a minha pergunta, mas, de repente o silêncio foi interrompido e Lucas me respondeu:

- Tia ele fez isso porque ama a flor. A gente só faz isso quando ama. Você me ama?

- Te amo sim.

Ele, inquieto, talvez com minha resposta curta, pergunta:

- Por que você me ama?

Não esperava tal pergunta e para respondê-lo recorri ao uso de alguns adjetivos e disse:

- Porque sou sua professora e você é um menino, inteligente, agradável, gosta de conversar... enfim você é um menino especial.

Ele demonstrou-se feliz ao ouvir cada adjetivo. Mas quando ouviu a palavra especial não pensou duas vezes e logo me respondeu:

- Você não pode me amar porque sou especial, eu sou especial, mas eu sei fazer outras coisas.

Foi nesse momento que me dei por conta dos usos e sentidos da palavra “especial” e percebi que havia ali entre meu aluno e eu, um estranhamento que me permitiu sair da zona de conforto em que estava. Um estranhamento carregado por outras perguntas que rapidamente passaram pela minha cabeça: O que é ser especial? Quais os sentidos desta palavra? Eu a usei para dizer que o fato de ser inteligente, agradável gostar de conversar o tornava notável, isto era o especial para mim ali, naquele momento. E nesse movimento de segundos perguntei:

- O que é ser especial para você?

Ele respondeu:

- Sei que não enxergo, por isso falam que sou especial, mas eu sou muito inteligente eu sei fazer outras coisas.

Logo me expliquei perguntando para ele o que era uma manga, rapidinho ele respondeu:

- É uma fruta!

Uma fruta também. Mas isso que cobre seu ombro e faz parte da sua camisa também se chama manga. As palavras são assim às vezes são iguais, mas querem dizer coisas diferentes. Quando eu falo que você é especial para mim é pelo fato de você gostar de conversar e eu também, gostar de história, etc. Ele sorriu e disse:

- É mesmo! (Diário de caminhada. Daiana Pilar – 18 de maio de 2018).

Hoje acompanhei D. e L. até a fisioterapia para que eles fizessem a A.V.D (atividades da vida diária). Os professores sempre pedem para que eu preste bastante atenção neles e alguns me dizem que eles não têm mais jeito, pois os consideram muito indisciplinados. Na descida da escada

conversamos um pouco mas, quando nos aproximamos da porta que dá para o estacionamento eles saíram correndo. E nós precisamos desviar do caminho que eu considerava mais seguro e que eu tinha planejado fazer com eles. Com o coração na mão, pensando na condição deles, na cegueira, fiquei temerosa e os chamei pedindo que eles tivessem cuidado, pois estávamos na área externa onde passam carros. Felizes e saltitantes eles diminuíram o passo e me disseram: 'tia Débora a gente já sabe que está do lado de fora. A gente tá vendo o barulho dos carros e dos passarinhos por isso a gente anda aqui neste canto''. Realmente eles estavam correndo apoiando-se numa barra de ferro que ajuda as pessoas a caminhar pelo canto de uma forma mais segura. Mas o que me atravessou nesta situação é que esta não era a primeira vez que os percebia dizendo que estavam vendo alguma coisa. E isso me trazia um certo estranhamento! Assim, enquanto os esperava do lado de fora da sala me coloquei a pensar: por que mesmo vivenciando tantas situações parecidas eu insistia em ficar abismada quando alguém me dizia que com outros sentidos também se pode ver? Por que não pensava com eles um caminho? Por que eu solitariamente tracei o nosso caminhar? (Diário de Caminhada. Débora Madeira - Rio, 20 de agosto de 2015).

Algumas considerações: problematizando...

Na experiência diarística, narrada por Daiana Pilar, podemos nos despertar para a inquietude que advém das palavras. Pensando nos sentidos que as mesmas podem carregar. Diante de tal situação desconfiamos que talvez, por isso Saramago, personagem da história contada, acha que as histórias para crianças devem ser escritas com palavras simples, pois há crianças que não gostam de perder tempo com palavras complicadas. E nos indagamos: por que complicamos as palavras? Questionando-nos ainda pelo que há dentro da palavra especial. Enquanto Débora Madeira em seu diário nos conclama a pensar nas questões que envolvem aquilo que se convencionou chamar historicamente de deficiência estimulando-nos às seguintes problematizações: a cegueira não seria um modo de ver sem olhar? Estes corpos que tentamos decifrar dando nomes não são existências que resistem bravamente às relações de poder? Eles escapam, trapaceiam as ordenações normativas dando a ver o que há no cotidiano escolar? Desse modo que ambas se permitem ao escrever, caminhar, diariar, problematizar o que nos está dado como universal afirmando o que há de singular ao estar junto no encontro com as crianças.

Referências:

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 22ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2020.
LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. In: CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice. (Org.). **Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016, p. 17-30